

RESENHA DO LIVRO “A ELITE DO ATRASO: DA ESCRAVIDÃO À LAVA- JATO”, OU DE COMO DEIXAMOS DE CRIAR ESCRAVOS PARA CRIAR TOLOS

MARCIO FERREIRA¹

Em recente entrevista à BBC Brasil, o empresário Flavio Rocha, pré-candidato à presidente para as eleições de 2018 pelo PRB, disse que “Patrões e empregados são ‘parceiros na prosperidade’”². Em outra entrevista, também à BBC Brasil, ele disse que “não se pode ver racismo em tudo”, embora admita a existência do racismo no país por parte de “uma minoria ignorante”.³ Dono do Grupo Guararapes, que controla empresas como a gigante do varejo Riachuelo, Rocha tem ambições políticas desde jovem: foi eleito deputado federal aos 28 anos, em 1986, e lançou uma pré-candidatura à Presidência aos 36, em 1994. Mas, mesmo depois que seu partido (o PL, na época) resolveu enterrar sua candidatura, em meio a controvérsias sobre financiamento eleitoral, e apoiar a de Fernando Henrique Cardoso, Rocha guardou o desejo de se aventurar na política.

As duas falas de Rocha podem ser explicadas pelo recente livro do sociólogo Jesse de Souza, *A elite do atraso – Da escravidão à lava-jato*, 240 pg, Editora Leya, 1ª Ed.. Segundo Souza, “o culturalismo racista e liberal conservador é a única teoria explicativa abrangente e totalizadora que o Brasil possui e que, antes de meu próprio trabalho crítico, jamais havia sido efetivamente criticada nos seus pressupostos fundamentais.”⁴

1 Jornalista, professor convidado da Especialização em Comunicação Empresarial da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do IUPERJ-Ucam (PPGSP).

2 Entrevista à BBC Brasil, publicado em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-43998184>, acessado em 09/05/2018

3 Entrevista à BBC Brasil, publicado em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-44062785>, , acessado em 09/05/2018

4 SOUZA, Jesse. *A Elite do Atraso: Da escravidão à lava-jato*. São Paulo, 2017.

Souza expõe em “A Elite” uma continuação dos trabalhos publicados anteriormente, “A ralé brasileira” (2009) e “A tolice da inteligência brasileira” (2015), fechando, assim, uma espécie de trilogia. Em tese, o sociólogo que já foi presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), descortina a tentativa, quase bem sucedida, de um pacto dos donos do poder para perpetuar uma sociedade cruel forjada na escravidão na crença de se construir um país ideal.

Lançando uma luz histórica e fazendo quase que uma genealogia de como chegamos a este Brasil que hoje temos, ele explica que não é bem assim a propagada influência de como a colonização portuguesa nos tornaram patrimonialistas com uma tendência à desonestidade e a corrupção. Para isso não poupa o que ele chama de “intelectuais brasileiros” e não mede críticas a Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Fernando Henrique Cardoso e Roberto DaMatta num claro discurso contra as tradicionais interpretações do Brasil formuladas na USP e perpetradas por estes. Da USP, só poupa Florestan Fernandes por conta de sua atenção aos conflitos sociais “realmente fundamentais”.

Como escrito na capa do livro, para o autor, o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, constituiu-se “uma pacto dos donos do poder para perpetuar uma sociedade cruel forjada na escravidão”.

Para ele, “essa tese do patrimonialismo ocupa o lugar da centralidade da escravidão entre nós e representa uma estratégia de tornar invisível a própria herança desta”. Souza chega a perguntar: Como se constrói, no século XX, uma sociedade que reproduz todas iniquidades do ódio, humilhação e desprezo contra os mais frágeis que caracterizam esta escravidão?

E é aí que ele centra a sua teoria no seu livro, ao propor que a origem das mazelas brasileiras advém de um conceito que nos foi relegado pela escravidão.

Souza passeia pela formação das elites brasileiras, analisa as classes médias – que divide em profascistas, liberais, expressionistas e críticas – bem como divide a sociedade brasileira em elites, classes médias, batalhadores e a ralé.

E joga todo o peso na elite que coopta a classe média por meio do convencimento e da violência simbólica. Esta para garantir a sobrevivência e a longevidade dos proprietários e seus privilégios.

O autor também dedica parte do seu livro à uma crítica dura aos grandes conglomerados da mídia no Brasil como a Rede Globo, a Revista Veja e os jornais Folha e Estado de São Paulo.

Ao avaliar o momento da Lava-Jato, a operação da justiça federal que está no título do seu livro, ele apresenta uma visão diferente ao afirmar que a corrupção apresentada à sociedade é uma corrupção dos “tolos” e “imbecis”, que somos nós, e que nos leva a pensar a corrupção como dado da política; e a corrupção

real, que é a corrupção do mercado, que compra a política para isso. O autor afirma que existe uma corrupção invisível que é praticada pela transferência das riquezas do Estado corrupto para o mercado. Para ele a verdadeira corrupção é a do mercado e assim ele acredita que este argumento é suficiente para “desconstruir essa balela de Lava Jato.”⁵ Ele coloca a corrupção como um conceito moderno que implica a noção da soberania popular e que só existe há cerca de 200 anos.

De forma que o autor acredita que os problemas decorrentes do Brasil que hoje temos passam pela ausência de uma reflexão mais aprofundada acerca da escravidão e os efeitos práticos disso na sociedade brasileira.

Por termos mantido esta subhumanidade através de uma classe média e uma elite que aplaudem uma polícia que mata pobres indiscriminadamente, alimentamos também o ódio aos pobres nesta sociedade.

Segundo Souza, “o ódio secular às classes populares parece-me a mais brasileira de todas as nossas singularidades sociais”

Em uma *mea-culpa* ele se posiciona também como ator deste processo: “Ainda que a classe média seja muito heterogênea, toda ela, sem exceção, inclusive o autor que aqui escreve, é portadora em maior ou menor grau desse tipo de preconceito. De alguma maneira, nascemos com ele, o introjetamos e o incorporamos, seja no modo inconsciente e pré-reflexivo, seja no modo refletido e consciente, como ódio aberto”.

Ao fazer uma aproximação entre a “ralé” - um termo por ele já usado em outro trabalho para designar parte da sociedade que vive em abandono - e a escravidão, Souza determina que o que diferencia os escravos negros africanos desta ralé é que nos dias de hoje, este modo de ver se expandiu para todas as cores de pele se constituindo assim em uma força de trabalho para o capital explorar e uma estigmatização dos pobres.

Souza consegue demonstrar as “tenebrosas transações” através do pacto realizado, silenciosa e invisivelmente, entre a elite - que se apodera da esfera pública - que pretende manter o Brasil colonizado apenas por interesses financeiro, com o capital, pelo modo de produção capitalista que tem todo o interesse de manter a subalternidade da grande maioria da população.

“A lógica de funcionamento do mercado é tornada invisível e a noção de elite dominante, portanto, restringe-se à esfera estatal”, diz o autor para comprovar que, desta forma, o cidadão comum acaba sendo feito de tolo pois entrega “de bom grado e volitivamente o produto do seu esforço a quem os engana e oprime”.

⁵Entrevista dada em 8 de agosto de 2017 ao site Brasil de Fato. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/08/jesse-souza-a-esquerda-pensa-com-categorias-da-direita/>
Acessado em 14/05/2018

Todos estes argumentos, fazem da obra “A Elite do atraso” um livro que aponta os motivos pelos quais a sociedade brasileira, na atualidade, é apenas uma continuidade de uma sociedade escravocrata de quase 500 anos. Para tentar reverter este quadro, apenas uma saída: pensar o Brasil desde o ano zero.⁶ E, para isso, como diz o próprio Jesse de Souza em artigo publicado “é necessário quebrar a hegemonia dessas ideias arcaicas e conservadoras para que a teoria e a prática política brasileira possam mudar de modo efetivo.”⁷

⁶Entrevista concedida por Jesse de Souza à Revista Cult em 19/10/2017. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/jesse-souza-a-elite-do-atraso/> Acessado em 15/05/2018.

⁷Artigo “O problema do Brasil é o ódio ao pobre”. Revista Le Monde Diplomatique Brasil, Ano 11, nº 122, pag. 16.